

CLIENTE **Federação Nacional dos Engenheiros (FNE)**

VEÍCULO **Correio Braziliense**

DATA **15/10/2015**

LINK <http://impresso.correioweb.com.br/>

TRABALHO/ Profissão considerada fundamental em tempos de crescimento está em baixa. De janeiro a julho deste ano, 8,8 mil postos foram fechadas — quase o triplo de 2014, segundo o Caged. Demissões começaram em 2013

Engenheiros sem emprego

de CELIA PEREIRA

S abram engenheiros em toda a país. A profissão considerada fundamental em tempos de crescimento econômico e neoliberalismo durante o boom da construção civil há mais ou menos 3 anos, perdeu força no mercado. Dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged) mostram que foram fechadas 8,8 mil vagas de janeiro a julho. Quase o triplo do registrado durante todo o ano passado, 3,1 mil.

O desaquecimento, no entanto, segundo a pesquisa Perfil Ocupacional dos Profissionais de Engenharia no Brasil, feita pelo Departamento Federal de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Direse) para a Federação Nacional dos Engenheiros (FNE), cresceu 11 em 2013. Apesar de o último ano que registrou número positivo para o setor, de 2,8 mil vagas abertas, mesmo assim, houve um déficit de 7 mil de 2012.

De acordo com o estudo, entre 2003 e 2013, houve uma expansão de 47,4% nos empregos de carteira assinada para engenheiros, saltando de 127,1 mil para 273,7 mil postos. Crescimento superior ao do emprego geral no Brasil, que foi de 46,7%.

Para Fernando Palmares, Neto, coordenador do Cresce Brasil + Engenharia + Desenvolvimento da FNE, o desaquecimento desse segmento vai impactar não só no crescimento do país, "o grande investimento é o governo. Quando a



Número de profissionais que se formam, em engenharia

deixa pública para, a tendência é reduzir uma unidade. E se engesse períodos, sem contratação, principalmente, por conta da crise pública, não investem", concluiu.

Com isso, cresce o fluxo de mercado, agravado, segundo Palmares, pelo aumento de profissionais formados por ano. Enquanto que, em 2000, saíram das faculdades do país 15 mil engenheiros, neste ano, serão graduados 54 mil profissionais.

Isso que aconteceu que se tem emprego garantido depois de formados agora não consegue ser coberto. É o caso de Alvaro Queiroz, de 23 anos, engenheiro eletrônico, que pretende emprego no setor de transmissão de energia — setor em que o país é extremamente carente. Ele já mandou currículo para todas as empresas aqui de Brasília. Agora, vai tentar passar por processo de trainee em São Paulo. "São Paulo é o posto

mais forte nessa área", disse. Alvaro disse. Quando analisou que a pouco experiência é uma vantagem e, por isso, procura se especializar. Entre fusões e aquisições, afirmou. Como ele vive em seu país, ainda tem as principais empresas financeiras pela família. "Se nada der certo, vou tentar uma bolsa ou um financiamento no exterior e me especializar mais. É o único jeito", assegurou.

O engenheiro é um dos setores de governo que começaram a crescer em 2014. Naquele ano, em que o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7,5%, chegaram ao país 4,1 mil profissionais estrangeiros para dar conta da demanda, segundo o Ministério do Trabalho. Um aumento de 38%, em relação ao ano anterior. Era a época de grandes obras para a realização da Copa de Mundo e dos Jogos Olímpicos, do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) com as obras de infraestrutura.

Tempo de cultura da desconfiança de jantares de jornal que envolviam valores investidos em todos os dias. A construção civil vive o boom com o crédito fácil e programas como o Minha Casa Minha Vida. Também na véspera do crédito, a indústria automobilística havia recorde de vendas. Naquele ano, formaram-se 32 mil profissionais no país e a indústria automobilística e a Petrobras absorveram 14 mil, segundo dados do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agrimensura (Crea).



Se nada der certo, vou tentar uma bolsa ou um financiamento no exterior e me especializar mais. É o único jeito

Alvaro Queiroz, engenheiro eletrônico, que não consegue colocação no mercado

Construção fechará 17% das vagas

A partir de meados do ano passado, a confiança, indispensável para investimentos, foi afetada pela Operação Lava-Jato, que paralisou a maioria das obras de infraestrutura. As contas públicas desafiadas passaram um bom tempo do governo, e programas como o Minha Casa Minha Vida tiveram os recursos cortados. Diante desse cenário, a Câmara Brasileira da Indústria de Construção (Cibic) calcula que mais milhões de trabalhadores terão sido demitidos até o fim do ano, o que representará 17% do total de obra empregada pelas construtoras.

A engenheira Raissa Caserio Nery Martins, 27 anos, há pouco deu a estatística. Ela, que se for-

mou em 2013, depois de estagiar, foi oferecida por uma grande empreiteira em São Paulo, porém o emprego em abril deste ano e que agora não conseguiu colocação no área. "Eles subdividiram a empresa para que, caso falasse, não fosse tudo de uma vez", disse.

Instabilidade

Ela trabalhava no setor de infraestrutura. "Tinha trabalhado alguns de construção civil, shopping, indústria, aeroportos", contou. "A construção civil praticamente parou. Tenho feito freelances, que me permitem pagar o plano de saúde, gasolina e só. Vivo como uma avó, e não consigo pagar a pós-graduação para mim

O mercado está muito instável, e mesmo quem tem projetos preferem esperar a situação melhorar, para ver como é que fica", falou.

Para o presidente da Cibic, José Carlos Martins, os problemas mostram evidências não só no principal responsável pela paralisação do mercado de construção, "o homem da construção acabou. As obras que terminam não são repostas. As obras públicas têm o pagamento atrasado e, com a fiscalização de cima das empresas, a dispensa de trabalhadores é inevitável. Está articulado a perder o emprego do governo de cima no dono da empresa, passando pelo engenheiro", sentenciou. (F.P.)